

PAULO RÓNAI, TRADUTOR E MESTRE DE TRADUTORES

Waldívia Marchiori Portinho¹
Waltensir Dutra²

INTRODUÇÃO

Entre tantas coisas que podem ser ditas sobre o autor, filólogo, professor e tradutor Paulo Rónai, seja dito antes de mais nada que ninguém sequer de longe fez pela tradução e pelos tradutores no Brasil mais do que ele, que sequer nasceu em nosso país e aprendeu português sozinho, na longínqua Hungria.

Sua vinda para o Brasil e a influência que desde logo e por longas décadas exerceu no cenário cultural brasileiro decorreram de uma série de fatos e circunstâncias, uns trágicos, outros felizes, que se encadearam de maneira realmente notável.

Muito cedo Paulo Rónai revelou sua inclinação para a vida intelectual e os estudos literários, melhor dito, sua paixão pelas línguas. Recorde-se, a título de ilustração, que a Hungria, país secularmente percorrido, inva-

dido e dominado por povos de culturas e línguas diversas, conservou ao longo dos séculos um apego arraigado a seu idioma tão peculiar como forma de salvaguardar sua identidade e unidade. Os húngaros sistematicamente se recusavam a aprender a língua de seus sucessivos opressores e, no sentido inverso, idolatravam seus escritores e poetas, empenhados na conservação e enriquecimento do idioma pátrio. Em vista desse fechamento psicológico-intelectual ao aprendizado das línguas estrangeiras, vicejava na Hungria um ambiente no qual a tradução era extraordinariamente valorizada, e poetas e escritores de renome não deixavam de incluir em seus currículos as traduções por eles feitas.

I. Tradutor e Professor na Hungria

Foi nesse cenário que Paulo Rónai pré-adolescente, pouco mais do que um menino,

membro atuante do grupo de estudos literários dos alunos secundaristas de sua escola, começou a publicar regularmente na imprensa de seu país, em particular na revista *Új Idök* (*Novos tempos*), suas traduções de obras do latim (inclusive de Horácio), a que viriam se juntar mais tarde as do francês e português, língua que ele aprendeu com um dicionário português-alemão e uma antologia de poesias em língua portuguesa arduamente conseguidos. Acrescente-se que constituía um desafio, que os jovens húngaros estudiosos se auto-impunham, o aprendizado de idiomas "exóticos". Rónai escolheu o português.

Sua primeira tradução do nosso idioma foi de um poema de Antero de Quental, que se apressou a publicar. No seu delicioso livro *Como aprendi o português e outras aventuras*, Rónai conta com muita graça alguns fatos ocorridos nessa época, na qual, aliás, nem tudo eram flores ou arroubos poéticos.

Completo seu doutorado em literaturas e línguas latinas e neolatinas na Universidade Péter Pázmány, em Budapeste, em 1930, portanto, aos 23 anos, com a tese *À margem das obras de mocidade de Balzac*. Entre 1930 e 1932 estudou cinco semestres em Paris (quatro dos quais com bolsa do governo francês), na Sorbonne, onde obteve dois certificados de licença, e fez ainda cursos de férias na Alliance Française, em Paris, e na Università per Stranieri, em Perugia. Em 1932 obtinha seu diploma de professor secundário de francês, italiano e latim.

Até 1940, quando foi aprisionado pelos nazistas húngaros, cumpria intensa vida intelectual em Budapeste como professor de línguas, tradutor e assíduo colaborador de órgãos da imprensa húngara, como *Új Idök*, *Pandora*, *Széphalom* (*Colina bela*). Afora muitos trabalhos de tradução profissional não literária, traduziu até essa época cerca de cem contos e poesias para o francês, duas novelas e inúmeros artigos para a *Nouvelle*

Revue de Hongrie, da qual era também redator. Paralelamente, traduziu para o húngaro romances franceses, selecionou e traduziu a antologia *Poetas latinos*, poesias brasileiras modernas que ele enfeixou em *Brazilia Üzen* (*Mensagem do Brasil*), e *Poemas de Santos*, coletânea de Rui Ribeiro Couto, sendo estas duas últimas as primeiras antologias de traduções húngaras de nossa literatura publicadas naquele país.

A essa altura de sua vida, ocorreu um dos encadeamentos a que nos referimos, este, de fato, com a marca da predestinação. Desejoso de melhor conhecer o idioma português, começara a corresponder-se com Ribeiro Couto, então servindo a diplomacia brasileira na Europa. Tornaram-se amigos, graças àquela capacidade de cultivar amizades que foi uma das características marcantes da personalidade ronaiana. Ele também mantinha contato com outros representantes diplomáticos do Brasil em Budapeste, que o auxiliavam em seu empenho de fazer conhecida a literatura brasileira na Hungria.

Em julho de 1940, com o anti-semitismo rampante na Europa, os nazistas húngaros detiveram Paulo Rónai num "campo de trabalho", em vista de sua ascendência judaica (embora ele próprio fosse ateu). Por interferência de Ribeiro Couto, o governo brasileiro, considerando a divulgação que fizera de nossa literatura naquele país, além de lhe conceder visto, convidou Paulo Rónai a vir para o Brasil e ofereceu-lhe uma bolsa de estudos por um ano. Esse visto o alcançou em Budapeste numa breve "licença" que tivera do "campo de trabalho" e possibilitou sua fuga. Em 28 de dezembro de 1940 Paulo Rónai embarcava para o Brasil, via Lisboa, e em 3 de março de 1941 descia do navio Cabo de Hornos no Rio de Janeiro. Sua vida estava salva, e começava sua enriquecedora missão humanística-cultural em nosso país.

II. Primeiros Tempos no Brasil

Paulo Rónai nada demorou em se introduzir na nossa vida intelectual e literária. Começou a traduzir para o português. Tornou-se professor secundário do Colégio Metropolitano (1941-1943) e do Liceu Francês (1941-1949).

Entre 1949 e 1977, foi professor de francês e latim em escolas municipais. Em 1952, começou a lecionar no Colégio Pedro II, onde, em 1958, em renhido concurso acompanhado pela imprensa, Rónai tirou o primeiro lugar e conquistou a cátedra de francês. Entre 1974 e 1977 foi catedrático de literatura francesa na Faculdade de Humanidades do Pedro II. (Fundaria, depois, a Associação dos Professores de Francês do Rio de Janeiro.) Em 1967, foi durante seis meses Visiting Associate Professor na Universidade da Flórida em Gainesville, ensinando literatura brasileira e francesa. Ao longo dos anos, escreveu dezoito livros didáticos para o ensino do latim e do francês.

Também começou logo a escrever para a nossa imprensa e se tornou colaborador assíduo, durante mais de quarenta anos, de importantes jornais no país como também no exterior.

Tornou-se leitor e editor de várias editoras, como a Globo, de Porto Alegre, José Olympio, Delta, Lisa e Nova Fronteira.

Anos depois diria dele o também tradutor Dr. Elias Davidovich, antigo superintendente de edições da Delta: "Paulo Rónai conhecia todo mundo, todos os escritores, lia tudo". E Nora, sua mulher, contou: "Logo após o casamento, quando me dei conta de que ele não tirava o nariz de cima dos livros, fizemos um trato: nas horas das refeições, ele não lia [...]"

III. Tradutor no Brasil

Chegado havia poucos dias ao Rio, entrou em contato fortuito – logo com quem! –

com Aurélio Buarque de Holanda Ferreira. Forte amizade e colaboração literária passou a unir os dois homens de letras desde então. Intercambiavam conhecimentos lingüísticos e começaram a traduzir a quatro mãos. Dessa parceria fecunda nasceu logo o primeiro volume da coleção *Mar de Histórias, Antologia do conto mundial*, traduções de contos selecionados das "literaturas mais diversas do globo". Iniciado em 1945, esse labor redundou em dez volumes dessa antologia e consumiu-lhes 44 anos. E muitos outros trabalhos eles ainda fariam juntos.

A importante obra tradutória e literária de Paulo Rónai será tratada adiante mais demoradamente e relacionada na Bibliografia.

IV. Orientador de traduções

Não obstante o relevante labor tradutório de Paulo Rónai, de feição tão variada, talvez a contribuição mais notável prestada por ele ao nosso país nesse campo, sem esquecer a fundação da ABRATES, tenha sido aquela de organizador minucioso, erudito, incansável de, entre outras, duas extraordinárias coleções, a *Comédia Humana*, de Honoré de Balzac, e a *Biblioteca dos Prêmios Nobel de Literatura*, ambas de porte e qualidade que nada perdem em confronto com as estrangeiras de que se originaram.

Mal chegado ao Brasil, fora morar no mesmo hotel e tornara-se amigo de Maurício Rosenblatt, gerente no Rio de Janeiro da Editora Globo (da família Bertaso, de Porto Alegre). Esta vinha editando traduções de obras clássicas (à falta de material estrangeiro novo, em vista da guerra) e é de supor que bem contente deve ter ficado Maurício Rosenblatt ao conhecer Paulo Rónai, especialista em Balzac como bem poucos devia haver aqui ou alhures. Tanto assim que, em carta de 3 de março de 1944, Maurício Rosenblatt confirmava, em nome de Henrique Bertaso, entendimentos verbais havidos

com Rónai segundo os quais este iria “dirigir e orientar a edição, em língua portuguesa [...] da *Comédie Humaine*, de Honoré de Balzac [...] conforme a edição da Bibliothéque Pléiade, [...] fará uma rápida supervisão das diferentes traduções, principalmente no que diz respeito à fidelidade das mesmas; auxiliará os tradutores, sempre que for necessário”.

A edição dessas 89 obras já estava em andamento, terminou por ocupar mais de vinte tradutores e levou quinze anos para ser concluída em 1955, com dezessete volumes supervisionados, prefaciados e ricamente comentados por Paulo Rónai, num total de 12 000 páginas e cerca de 12 000 notas. Estas, ele continuou sempre atualizando, e foram mais tarde aproveitadas pela Editora Globo (das Empresas Globo), de São Paulo, por quem a coleção foi adquirida e relançada.

Conhecedor da obra de Rónai, que já colaborara com a Delta na parte dedicada ao francês na *Enciclopédia Metódica Larousse*, Abraão Koogan, diretor da editora, convidou-o em 1962 para organizar a edição e tradução da *Biblioteca dos Prêmios Nobel de Literatura*. Foram sessenta volumes, com os textos traduzidos de cada língua original e tradutores escolhidos a dedo por Rónai. Na escolha, sempre que possível, ele usava o critério de uma certa “afinidade”, uma certa “consonância” que pressentia entre o autor, ou sua obra, e o tradutor, de reconhecida competência tradutória.

V. Alguns Dados Pessoais

Caberia agora fazer uma pausa no roteiro profissional de Paulo Rónai e dar mais alguns traços pessoais seus que sirvam de fundo para melhor entender sua personalidade e atuação.

Rónai Pál, ou Paulo Rónai, nome aporuguesado que logo adotou entre nós, era filho de Rónai Miksa, livreiro, e Gisela, sendo o mais velho de seis irmãos. Nasceu em Budapeste em 13 de abril de 1907 e faleceu

em 1º de dezembro de 1992 em Nova Friburgo, RJ, para onde se mudara em 1979, depois de viver no Rio de Janeiro desde 1941. Foi-lhe concedida naturalização brasileira em 1945, com dispensa de prazo em vista dos “serviços prestados à literatura brasileira”.

Já referimos as circunstâncias que suscitaram sua vinda repentina para o Brasil. Ele tivera de deixar para trás seus familiares e a noiva, Magda Péter, que também sofriam as mesmas perseguições. Paulo muito se empenhou em trazê-los para o Brasil. Depois de muitas dificuldades, esconderijos, fugas, sua mãe e três irmãs vieram para o nosso país. O pai falecera na Hungria, e a mãe, D. Gisela, faleceu no Rio de Janeiro em 1967. Duas das irmãs, Eva e Clara, ainda vivem no Rio. Magda, porém, teve sorte mais ingrata. Paulo casou com ela por procuração em 1942, o que deveria facilitar a vinda da jovem para o Brasil. Magda, em Budapeste, escondia-se em um e outro lugar, até conseguir chegar à Casa de Portugal, onde parecia que estaria a salvo. Por fatalidade, ali a encontraram os nazistas, que a arrastaram, juntamente com sua mãe e milhares de outros, até as margens do Danúbio, onde foram todos metralhados.

Foi assim, na qualidade dolorosa de viúvo-noivo, que Paulo Rónai conheceu Nora Tausz em 25 de novembro de 1951. Nora, nascida em Fiume, viera para o Brasil com seus familiares também fugindo do nazismo e desembarcara no Rio, mocinha de dezessete anos, um mês depois da chegada de Paulo Rónai e vinda no mesmo navio, Cabo de Hornos. Nora vivera em Budapeste dos sete aos dez anos de idade e lá aprendera a falar húngaro. No Rio, embora os dois tivessem morado em ruas próximas por algum tempo, somente se conheceram dez anos depois. Mas então não perderam tempo, casando-se em 9 de fevereiro do ano seguinte, e permanecendo casados, companheiros, ami-

gos, amorosamente "cúmplices" até o fim. Mulher decidida e brilhante, Nora, hoje aposentada, é arquiteta e foi professora universitária, continuando a morar em Nova Friburgo. O casal teve duas filhas igualmente decididas e brilhantes, Cora Rónai, escritora e jornalista, e Laura Rónai, flautista, que vivem no Rio de Janeiro.

IV. A Profissionalização da Tradução

Paulo Rónai escreveu três livros já clássicos dedicados exclusivamente à tradução: *Escola de tradutores*, primeiro livro escrito no Brasil sobre a matéria, lançado em 1952, *A tradução vivida* e *Guia prático da tradução francesa*.

É impossível alinhar todos os artigos e ensaios por ele escritos e as conferências e palestras por ele pronunciadas pelo mundo afora sobre o tema da tradução. O fato é que ele, como um Fernão Dias Paes Leme, foi o desbravador desta selva em nosso país e, também como o do bandeirante, "seu pé, como o de um Deus, fecundava o deserto".

Já em 1952, em *Escola de tradutores*, ele se referia "à quase inexistência de uma classe de tradutores" no Brasil, concluindo que a solução "consistiria em formar especialistas competentes" e que o problema estava "ligado à profissionalização do ofício de tradutor". Referia-se, na mesma obra, aos que "se limitam a assinar o trabalho de colaboradores anônimos", à necessidade da "consciência profissional" e à de "pagar aos tradutores [...] bastante bem para que se pudesse escolher esse ofício como profissão exclusiva".

Isso escrito há mais de quarenta anos nos dá bem a certeza de que ninguém mais qualificado para levantar entre nós a bandeira da profissionalização. Longos anos ele batalhou nesse campo inglório. Já na década de 1950 ele se correspondia com membros da diretoria da recém-criada *Fédération Internationale des Traducteurs*. Em setembro de 1973, num encontro

em Paris com François-Pierre Caillé, então presidente da FIT, Paulo Rónai convenceu-se da necessidade de se criar no Brasil uma associação de tradutores a ela filiada.

Com a persistência e intensidade que o caracterizavam, ele se pôs a campo. Em 21 de maio de 1974, já arregimentadas algumas dezenas de destacados tradutores e com o apoio da Sociedade Brasileira de Autores Teatrais, através de seus dirigentes R. Magalhães Jr. e Daniel da Silva Rocha, era criada a Associação Brasileira de Tradutores - ABRATES, com sede no Rio de Janeiro. Uma atuante seção paulista era criada algum tempo depois.

Rónai participou diretamente como a força motriz da ABRATES até 1979, quando se mudou para a cidade serrana de Nova Friburgo, mais adequada para suas condições de saúde. Mesmo de longe, em nenhum momento deixou de acompanhar a atuação da ABRATES, à qual sucedeu, em novembro de 1988, com cerca de quinhentos membros, o Sindicato Nacional dos Tradutores - SINTRA. Alguns meses antes, em 27 de setembro de 1988, tinha sido criado no Ministério do Trabalho o 36º Grupo - Tradutores, no plano da Confederação Nacional das Profissões Liberais, configurando o reconhecimento da categoria.

O diploma formal da "profissionalização do ofício do tradutor" sacramentava o sonho do pioneiro.

O velho lutador já tinha uma considerável coleção de prêmios e condecorações: título de primeiro sócio benemérito da ABRATES, Prêmio Internacional C. B. Nathhorst (1981), da FIT, Ordem de Rio Branco, do governo brasileiro, Palmes Académiques e Ordre National du Mérite, do governo francês, Ordem da Estrela com Coroa de Ouro, do governo húngaro, os Prêmios Silvio Romero e Machado de Assis, da Academia Brasileira de Letras e, também da ABL, a Medalha Machado de Assis, e outros mais. Não obstante, para aquele a

quem a tradução era, confessadamente, a atividade que “mais lhe falava ao coração”, esse reconhecimento profissional dos tradutores deve ter-lhe acalentado o coração de maneira especial.

VII. A Visão de Paulo Rónai da Tradução

Embora tivesse escrito livros sobre tradução, além de numerosos artigos e conferências, Paulo Rónai nunca se ocupou de maneira sistematizada dos seus aspectos teóricos, e ele mesmo nos explica por que, em *A tradução vivida* (TV):

A prática intensa do ofício havia de levar-me naturalmente a meditar sobre ele. Daí os trabalhos que consagrei a problemas de tradução: os já lembrados *Escola de tradutores* e o *Guia prático de tradução francesa*, ambos reeditados recentemente. Por inclinação natural do meu espírito, a especulação abstrata pouco me atrai e, por isso, em vez de indagar a filosofia e a metafísica da tradução, recém-abordadas por grandes lingüistas, preferi ater-me a seus problemas concretos, com exemplificação abundante, tal como no volume presente. Posso capitular no mesmo item a versão recente de *A tradução científica e técnica*, de Jean Maillot, monografia tão importante que aceitei o convite para traduzi-la e adaptá-la ao português, embora cada vez o meu interesse vá para a tradução literária.

Temos aí, numas poucas linhas, a profissão de fé de Paulo Rónai como estudioso da tradução: (a) interessavam-lhe problemas concretos, podemos dizer talvez a *praxis* da tradução, e não as conceituações teóricas, embora estas não lhe fossem estranhas, como mostram as citações que podemos colher em toda a sua obra; e (b) sua predileção era a tradução literária, tema predominante da grande maioria das considerações que fez sobre a tradução, embora, ainda nas palavras de Rónai, “a sua prática se estenda por assim dizer a todas as moda-

lidades da tradução, assim como à maioria das atividades afins” (TV, p. 113).

Essa posição está coerente não só com a “inclinação natural” do seu espírito, mas também com a sua formação. Tradutor e professor desde cedo, foram as dificuldades práticas da tradução, a sua *praxis*, que primeiro lhe despertaram a atenção para os problemas a ela inerentes. Ele não partiu de considerações teóricas para chegar a resultados práticos, e foi ainda a prática, como professor, e como diretor e formador de tradutores, que levou Rónai a focalizar alguns dos problemas teóricos que para esta têm relevância imediata, como a questão da fidelidade, que trataremos mais adiante.

Se tivéssemos de fixar, com base nos seus escritos e nas conversas que com ele tivemos, um princípio teórico predominante na visão que Paulo Rónai tinha da tradução, diríamos que ele a via mais (muito mais) como uma arte ou um ofício do que como uma ciência. Em *Escola de tradutores* (ET), afirma: “[...] admiti dialeticamente, no intróito da primeira edição deste livrinho, a impossibilidade da tradução literária, para dali inferir que ela era uma arte” (p. 14); e ainda: “Uma das falácias da tradução é a ilusão de poder aprendê-la por tratados. Ora, como organizar um manual da tradução, *se esta arte* (ou ofício, se quiserem) escapa a toda sistematização?” (TV). E como toda arte, pode ser também um ofício, o que pressupõe um aprendizado: “O ensino da tradução só pode partir de exemplos concretos e deve ter em vista, sobretudo, flexibilizar a mente do tradutor e mantê-la em estado de alerta para que saiba lembrar precedentes ou, se for o caso, inventar novas soluções”, disse ele (TV, p. 3). O mesmo diria, pouco depois, um especialista no assunto: “Pour l’essentiel, la traduction étant un art, l’enseignement repose sur une série d’exercices pratiques” (1). Ao conceituar a tradução (ou pelo menos a tradução literária) como uma arte, Paulo Rónai insere-se

no numeroso grupo de teóricos (predominantemente) franceses do assunto – com destaque para Valéry Larbaud, uma influência reconhecida, “mestre dos tradutores” (ET, p. 643) – e Edmond Cary, distanciando-se, mas sem opor-se a eles, do grupo que mais tarde se tornaria conhecido como dos tradutólogos, os que acham possível estudar princípios de tradução gerais de uma maneira mais científica.

Entre os aspectos teóricos estreitamente relacionados com a *praxis* tradutória está o conceito de fidelidade, de que Rónai se ocupou várias vezes. “Assim, a fidelidade seria uma obrigação dupla: para com o conteúdo da mensagem e para a praxe expressiva da língua-alvo” (TV, p. 87). Sobre a literalidade e a fidelidade: “Essa pergunta é feita na tácita suposição de que o requisito de fidelidade concerne apenas a um dos dois idiomas, aquele do qual se traduz. O tradutor, no entanto, é obrigado a fidelidade igual, senão maior, para com o outro idioma, para o qual traduz. Uma versão literal, isto é, fiel a apenas uma das duas línguas, é impossível” (ET, p. 20). E ainda: “A noção de fidelidade implica talvez menos aderência às palavras da língua-fonte do que obediência aos usos e às estruturas da língua-alvo” (TV, p. 3).

Essa posição clara quanto à fidelidade à língua de chegada nos leva logicamente à questão correlata: deve a tradução ser como um vidro transparente, ou seja, parecer um texto escrito originalmente na LC? Ou deve ser como um vidro colorido, “des traductions telles que [...] nous ne puissions jamais oublier un seul instant la couleur de leur langue originelle” (2). Mounin atribui a Gógol a comparação da tradução ideal a “un verre si transparent qu'on croie qu'il n'y a pas de verre”. (2)

Também sobre esse aspecto a posição de Paulo Rónai é inequívoca, como os textos acima respigados devem ter deixado claro. Mas ele é ainda mais explícito: “Por isso os

teóricos da tradução sustentam que o tradutor deve [...] deixar que o seu trabalho fique com um sabor exótico e uma parcela de opacidade” (TV, p. 76). E para mostrar que não é essa a sua prática, cita uma velada crítica de Guimarães Rosa, que preferia ter sentido no texto português dos contos húngaros traduzidos por Paulo Rónai “um arranjo mais temperado à húngara” (TV, p. 76). E em outro passo: “como diz Jules Legras, ‘traduzir consiste em conduzir determinado texto para o domínio de outra língua que não aquela em que está escrito’. Mas a imagem pode ser entendida também de outra maneira, considerando-se que é ao leitor que o tradutor pega pela mão para levá-lo para outro meio lingüístico que não o seu. Conforme adotemos uma ou outra dessas maneiras de ver, a tradução deverá corresponder a exigências diversas [...] Assim as duas interpretações da palavra tradução abrangem até as duas variantes extremas a que ela pode ser aplicada: a tradução naturalizadora [...] e a tradução identificadora [...]” (TV, p. 4). Note-se que a terminologia adotada por Rónai é outra: ele chama de *naturalizadora* a tradução que Mounin chamou de transparente, e de *identificadora* a que é como vidro colorido.

Mencionamos acima uma das influências sofridas por Paulo Rónai, ou seja, a de Valéry Larbaud. Devemos falar agora das afinidades observadas entre certas posições de Rónai e de Georges Mounin. No caso não se trata de influência, já que a coincidência de idéias ocorreu mais ou menos simultaneamente e, em certos casos, *antes* de terem sido manifestadas por escrito pelo tradutólogo francês. Essas idéias relacionam-se com a velha e acadêmica discussão sobre a possibilidade da tradução.

Desde a sua primeira edição em 1952, o capítulo inicial de *Escola de tradutores* focalizava esse problema, sob o título “Traduzir o Intraduzível”. Depois de mostrar que “há uma ligação intrínseca entre o pensa-

mento e seu meio de expressão; sua inseparabilidade [...] verifica-se a cada passo. O tradutor, ao procurar separá-los, atenta constantemente contra essa lei psicológica da linguagem” (ET, p. 16), Rónai assinala que na tradução referencial, onde a ligação entre o pensamento e sua forma não é tão acentuada, a intraduzibilidade não ocorre. Já nos textos literários, e principalmente na poesia, a dicotomia fundo e forma não existe, pois as duas coisas são inseparáveis. É então que a tradução se transforma em arte: “O objetivo de toda arte não é algo impossível? O poeta exprime (ou quer exprimir) o inexprimível, o pintor reproduz o irreproduzível, o estatuário fixa o infixável. Não é surpreendente, pois, que o tradutor se empenhe em traduzir o intraduzível” (ET, p. 19). Um ano depois, em 1953, sai *Les belles infidèles*, cujo primeiro capítulo trata exatamente do assunto focalizado pelo primeiro capítulo de *Escola de tradutores*, e desenvolve tese em que os pontos de contato são vários, e as conclusões mais ou menos as mesmas. Trata-se, evidentemente, de um caso de afinidade de pontos de vista concebidos independentemente, já que não teria havido tempo para que Mounin conhecesse o livro de Rónai, e se o tivesse conhecido certamente o teria mencionado, pois sua probidade intelectual está, como no clichê, acima de qualquer suspeita.

A coincidência serve para mostrar como Paulo Rónai estava afinado com o que se pensava sobre tradução no mundo – e lembramos que isso ocorreu na década de 1950, quando os estudos sobre tradução ainda não eram tão numerosos quanto hoje: a tradutologia, tal como a conhecemos, estava dando praticamente os primeiros passos e era grande a dificuldade de acesso à (reduzida) bibliografia especializada.

Nesta breve seção concentramo-nos no pensamento de Rónai sobre a tradução. Gostaríamos de estender-nos sobre a sua atividade de diretor e formador de traduto-

res no Brasil, mas falta-nos o espaço. Ficará para outro trabalho específico.

BIBLIOGRAFIA DE PAULO RÓNAI³

- Balzac e a Comédia Humana*. Porto Alegre, Globo, 1947, 154 p.
- Um romance de Balzac: A pele de Onagro*. Rio de Janeiro, A Noite, 1952, 157 p. (Tese de concurso)
- Escola de tradutores*. Rio de Janeiro, Ministério de Educação e Saúde, Cadernos de Cultura, 1952, 50 p.
- Escola de tradutores*. 2ª ed. Rio de Janeiro, São José, 1956, 93 p.
- Escola de tradutores*. 3ª ed. Rio de Janeiro, Edições de Ouro Culturais, 1967, 99 p.
- Escola de tradutores*. 4ª ed. Rio de Janeiro, Educom, 1976, 131 p.
- Escola de tradutores*. 5ª ed. Rio de Janeiro, Nova Fronteira/Pró-Memória/Instituto Nacional do Livro, 1987, 171 p.
- Escola de tradutores*. 6ª ed. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1989, 171 p.
- Como aprendi o português e outras aventuras*. Rio de Janeiro, Ministério de Educação e Cultura/Instituto Nacional do Livro, 1956, 270 p.
- Como aprendi o português, e outras aventuras*. 2ª ed. Rio de Janeiro, Arlenova, 1975, 156 p.
- Encontros com o Brasil*. Rio de Janeiro, Instituto Nacional do Livro, 1958, 251 p.
- Homens contra Babel (passado, presente e futuro das línguas artificiais)*. Rio de Janeiro, Zahar, 1964, 161 p.
- A vida de Balzac*. Rio de Janeiro, Edições de Ouro, 1967, 195 p.
- Babel & Antibabel; ou o problema das línguas universais*. São Paulo, Perspectiva, 1970, 194 p. (Revisão e ampliação de *Homens contra Babel*)
- Der Kampf gegen Babel oder das Abenteuer der Universalsprachen*. Munich, Ehrenwirth, 1969, 197 p. (Tradução para o alemão, de Herbert Caro, de *Babel & Antibabel*.)
- Babelu e no chosen*. Tokio, Yamamoto Shoten, 1971, 273 p. (Tradução para o japonês de *Babel & Antibabel*.)

- Guia prático da tradução francesa.* Rio de Janeiro, Difel, 1967.
- Guia prático da tradução francesa.* 2ª ed. Rio de Janeiro, Educom, 1975, 120 p.
- Guia prático da tradução francesa.* 3ª ed. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1983, 212 p.
- A princesa dengosa.* In: BENEDETTI, Lúcia, org. *Teatro infantil.* Rio de Janeiro, Ministério de Educação e Cultura, Serviço Nacional do Teatro, 1971.
- A tradução vivida.* Rio de Janeiro, Educom, 1976, 156 p.
- A tradução vivida.* 2ª ed. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1981, 210 p.
- A tradução vivida.* 3ª ed. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1990.
- Dicionário francês-português.* Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1978, 343 p.
- Não perca o seu latim.* Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1980, 261 p. (Colaboração de Aurélio Buarque de Holanda Ferreira.)
- Não perca o seu latim.* 2ª ed. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1980, 263 p. Idem.
- Não perca o seu latim.* 3ª ed. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, s.d., 263 p. Idem.
- Não perca o seu latim.* 4ª ed. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1988, 265 p. Idem.
- Não perca o seu latim.* 5ª ed. Idem.
- Latin és Mosoly.* Budapeste, Europa Kiadó, 1980, 240 p. (Tradução para o húngaro de ensaios publicados em *Escola de tradutores, Como aprendi o português e Encontros com o Brasil.*)
- O teatro de Molière.* Brasília, Ed. Univ. Brasília, 1981, 66 p.
- Dicionário universal Nova Fronteira de citações.* Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1985, 1 020 p.
- Dicionário essencial francês-português e português-francês.* Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1989, 574 p.
- Pois é: ensaios.* Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1990, 300 p.

Traduções

* Para o francês:

- Mémoires d'un sergent de la Milicie.* Tradução de *Memórias de um sargento de milícias*, de Ma-

nuel Antônio de Almeida. Rio de Janeiro, Atlântica, 1944, 226 p.

* Para o português:

- Cartas a um jovem poeta*, de Rainer Maria Rilke. Porto Alegre, Globo, 1953. (Com Cecília Meireles, do alemão) (Teve reedições sucessivas. A 16ª ed., da mesma editora, saiu em 1989.)
- Roteiro do conto húngaro.* Rio de Janeiro, Ministério de Educação e Cultura, 1954, 131 p.
- A essência do Talmud*, de Theodore M. R. von Keller. Rio de Janeiro, Edições de Ouro, 1969, 121 p.
- Socialismo para milionários*, de George Bernard Shaw. Rio de Janeiro, Edições de Ouro, 1970, 90 p. (Do inglês.)
- A tradução científica e técnica*, de Jean Maillot. São Paulo, McGraw-Hill do Brasil; Brasília, Univ. de Brasília, 1975. (Do francês.)
- A tragédia do homem*, de Imre Madách. Rio de Janeiro, Salamandra-Núcleo Editorial da UERJ, 1980, 247 p. (Com Geir Campos, do húngaro.)
- * Para o português, com Aurélio Buarque de Holanda Ferreira:
- Mar de histórias; antologia do conto mundial.* Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1945-1989. (Dez volumes.)
- Os meninos da Rua Paulo*, de Ferenc Molnár. São Paulo, Saraiva, 1952, 189 p. (Do húngaro.)
- Os meninos da Rua Paulo.* Rio de Janeiro, Edições de Ouro, 1965, 231 p.
- Os meninos da Rua Paulo.* São Paulo, Saraiva, 1971, 127 p. (Esta obra traduzida por Paulo Rónai teve ainda outras reedições, ao que parece.)
- Amor e Psique*, de Apuleio. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1956, 87 p. (Do latim.)
- Antologia do conto húngaro.* Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1957, 283 p.
- Antologia do conto húngaro.* 2ª ed. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1958, 283 p.
- Antologia do conto húngaro.* 3ª ed. Rio de Janeiro, Arténova, 1975, 283 p.
- Servidão e grandeza militares*, de Alfred de Vigny. Rio de Janeiro, Difel. s.d. (Do francês.)

Sete lendas, de Gottfried Keller. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1961, 118 p. (Do alemão.)

Contos húngaros. Rio de Janeiro, BUP, 1964, 117 p.

Contos húngaros. São Paulo, Edusp, 1991. 204 p.

Antologia do conto francês.

Antologia do conto inglês.

Antologia do conto norte-americano.

Antologia do conto alemão.

Antologia do conto italiano.

Antologia do conto russo.

Editoração e Direção

A Comédia Humana, de Honoré de Balzac, Porto Alegre, Globo, 1945-1955 (Prefácios, notas, supervisão; 89 obras, 17 volumes).

Obras, de Vianna Moog, Rio de Janeiro, Delta.

Biografias, de R. Magalhães Jr. Editora.

Coleção Biblioteca dos Prêmios Nobel de Literatura, Rio de Janeiro, Delta (60 volumes).

Coleção Brasil Moço, Rio de Janeiro, José Olympio. (25 volumes.)

Biblioteca do Estudioso, Rio de Janeiro, Lisa (8 volumes).

Colaborações

Para o Boletim da ABRATES e os jornais *Diário de Notícias*, *Correio da Manhã*, *Jornal do Brasil*, *O Estado de S. Paulo*, *Correio do Povo* etc.; as enciclopédias Delta Larousse, Barsa e Britânica. E no exterior, para as revistas *Américas* (EUA), *Caravelle* (Toulouse), *Revue de Littérature Comparée* (Paris), Boletim do PEN Internacional (Londres), *Nagyvilág* e *Babel* (Budapeste), *Humboldt* (Bonn), e a Enciclopédia da Literatura Universal (Budapeste).

Prefácios

Para obras de João Guimarães Rosa, Carlos Drummond de Andrade, Aurélio Buarque de Holan-

da Ferreira, José Luís do Rego, Lygia Fagundes Teles, Clarice Lispector, Carlos Heitor Cony, Luis Jardim, Lima Barreto etc.; Virgílio, Corneille, Racine, Molière, La Fontaine, Prévost, Merimée, Vigny, Flaubert, Shaw, Tolstói, Móricz etc.

Cursos e Conferências

Ademais de incontáveis conferências sobre tradução e literatura no Rio de Janeiro, São Paulo e outras cidades brasileiras, deu cursos e conferências sobre literatura brasileira em Gainesville, Paris, Toulouse, Rennes, Neuchâtel, Heidelberg, Budapeste e Tóquio.

Livros Didáticos

Livros didáticos para o ensino do latim (seis volumes) e do francês (12 volumes), inclusive o "romance policial" *Le Mystère du carnet gris*.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- (1) GRAVIER, M. "Pédagogie de la traduction". In: GRÁS, KORLÉN & NAINBERG (orgs.). *Theory and Practice of Translation*. Berna, Peter Lang, 1977.
- (2) MOUNIN, G. *Les belles infidèles*. Paris, Cahiers du Sud, 1955.

1. Tradutora, ex-presidente da ABRATES, fundadora e ex-presidente do SINTRA.
2. Tradutor, ex-secretário-geral da ABRATES, ex-presidente da ABRATES-RJ, fundador e atual secretário-geral do SINTRA.
3. A presente bibliografia refere-se às obras de Paulo Rónai publicadas depois de sua vinda para o Brasil em 1941. Não inclui livros didáticos propriamente ditos, nem artigos, conferências ou ensaios avulsos, folhetos etc.